

PSICOPEDAGOGIA E OS PRINCIPAIS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA, DISORTOGRAFIA, DISGRAFIA E DISCALCULIA.

Autora: Paula Miqueline Toscano Melquíades;

Co-autora (1): Márcia Geam Oliveira Alves

Coautora: Niedja Maria Gomes Silva

Coautora/ Orientadora: Rosilene Felix Mamedes

Resumo: Este trabalho terá a função de discutir o papel do psicopedagogo em indivíduos em fase escolar com dificuldades de aprendizagem. Para isso, faremos um percurso sobre a história da psicopedagogia no Brasil e suas contribuições para estes indivíduos com distúrbios de aprendizagem. Dessa forma, este trabalho será uma revisão teórica de como a psicopedagogia chegou ao Brasil, tendo surgido os primeiros cursos a partir dos anos 60/70 e se multiplicaram na década de 90, entrando de forma clandestina por intermédio de seus exilados políticos. A Psicopedagogia constituiu-se sob um enfoque médico-pedagógico e com um caráter mais prático do que o acadêmico, e apenas no fim do ano de 1979, foi criado no instituto sedes Sapientiae, em São Paulo, o primeiro curso de especialização o psicopedagogo é envolvido com a aprendizagem humana, que congrega conhecimentos de diversas áreas intervindo neste processo, seja para potencializá-lo ou para amenizar dificuldades, atendendo as necessidades individuais de aprendizagem. Já a teoria da aprendizagem significativa é uma teoria cognitivista preocupada com o modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação. A teoria citada procura explicar os mecanismos internos que ocorrem na mente humana com relação ao aprendizado e à estruturação do conhecimento. Como **objetivo geral** entender as contribuições da Psicopedagogia para alunos com dificuldades de aprendizagem. Já para **os objetivos específicos:** descrever um breve processo histórico da Psicopedagogia no Brasil; fazer um breve percurso sobre os teóricos da psicopedagogia para compreender o processo de ensino-aprendizagem. Como aspectos metodológicos iremos abordar as principais dificuldades de aprendizagem e as possíveis intervenções que devem ser realizadas para garantir o melhor desempenho cognitivo do aluno.

Palavras-chave: psicopedagogia; distúrbios de aprendizagem; intervenção psicopedagógica

INTRODUÇÃO

É de suma importância que os profissionais da área de educação em especial psicopedagogos entendam que crianças com dificuldade de aprendizagem, seja leve, moderada ou grave precisam ser reconhecidas como seres iguais em direitos humanos e que a especificidade da intervenção deve estar de acordo com suas necessidades e possibilidades.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica onde será apresentado um breve histórico da Psicopedagogia abordando as principais dificuldades de aprendizagem e as possíveis intervenções que podem ser realizadas para garantir o melhor desempenho cognitivo do aluno.

A realização desta pesquisa busca através de estudos anteriores entender melhor a atuação do psicopedagogo no que diz respeito aos principais distúrbios de aprendizagem aprofundando conhecimentos e propondo reflexões sobre a importância do mesmo com relação ao desempenho de alunos e suas limitações durante a realização de atividades relacionadas a aprendizagem.

As dificuldades não são impossíveis de serem solucionadas, porém devemos encarar os intervindo da melhor forma possível reconhecendo as possíveis causas de tais problemas que podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais, sendo importante a descoberta a fim de auxiliar o desenvolvimento do processo educativo.

1. PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia brasileira teve grande influência da Argentina, surgindo os primeiros cursos no Brasil por volta dos anos 60/70 e se multiplicaram na década de 90, entrando de forma clandestina por intermédio de seus exilados políticos, momento em que vários países latinos contavam com governos ditatoriais e vivenciavam a lógica do medo e do silêncio em seus territórios. Ela também se construiu sob um enfoque médico-pedagógico e com um caráter mais prático do que acadêmico. Preocupou-se primeiramente em atuar nos problemas referentes às disfunções neurológicas ou, mais precisamente, naquilo que foi designado na época de “Disfunção Cerebral Mínima”. Essa visão orgânica e patológica foi ainda mais fortalecida na década de 70 quando saiu dos consultórios particulares e chegou as escolas. Segundo Bossa (1994):

O rótulo DCM foi apenas um dentre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas psicopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de psicologia individual. Termos como dislexia, disritmia e outros também foram usados para esse fim.

Essa visão contribui para mascarrar problemas educacionais causados pelo momento conturbado que passava educação brasileira, com a massificação da escola e qualidade da educação. Por isso, conforme Scoz apud Ramos (1994), se por um lado o conceito de DCM permitiu um maior processo de aceitação da criança e do adolescente por parte de seus pais e

professores, por outro, contribuiu para desmotivar alguns professores e pais a investirem na aprendizagem desses sujeitos.

Com a visão médica-pedagógica foram criados, na década de 70, os primeiros cursos de Psicopedagogia no Brasil voltado para complementar os estudos da psicologia e pedagogia. E apenas no fim do ano de 1979, foi criado no Instituto Sedes Sapientiae (SP), o primeiro curso de especialização, inicialmente chamado de Curso de Reeducação Psicopedagógica e não era legitimado já que a referida Instituição preferiu abrir mão da validação acadêmica de seus certificados em troca de poder exercer a prática da liberdade de pensamento e de expressão multidisciplinar, formando profissionais comprometidos com os direitos da pessoa humana (ANDRADE Apud RAMOS, 2004, s/n).

O Curso de Especialização em Psicopedagogia expandiu-se especialmente nos anos 90, a princípio em São Paulo, e em seguida por todo território brasileiro.

Este profissional é envolvido com a aprendizagem humana, que congrega conhecimentos de diversas áreas intervindo neste processo, seja para potencializá-lo ou para amenizar dificuldades, atendendo as necessidades individuais de aprendizagem.

O psicopedagogo é o profissional preparado para atender crianças, adolescentes ou adultos com problemas de aprendizagem, atuando na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico ou institucional (ACAMPORA; BIANCA, 2012, p, 19).

O Psicopedagogo é, portanto, capacitado para se ocupar da prevenção e do tratamento das dificuldades dos alunos, tem a função de observar, necessidade do indivíduo e atender aos seus anseios. Procurando compreender de forma global e completa com os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que determinam à condição do sujeito e interferem no processo de aprendizagem, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa.

2. APRENDIZAGEM

Ausubel (1980, p.78), afirma que “o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe; determine isso e ensine-o de acordo.”

Se tempos atrás o contexto educativo centrava suas atenções na aprendizagem a partir de estímulo, resposta e esforço, uma influência comportamentalista, atualmente os educadores concentram seus esforços em desenvolver uma aprendizagem focada no significado. Nessa nova visão da aprendizagem, o conteúdo escolar não exerce papel principal nas tomadas das decisões sobre o que ensinar. As atenções são voltadas para as necessidades do aluno, o que

ele gostaria de aprender, quais seus interesses, sua curiosidades e o mais relevante é saber o que já e de conhecimento do aluno.

David Paul Ausubel (1980), - psicólogo norte-americano que formulou as primeiras propostas psicoeducativas que tentam explicar aprendizagem escolar e o ensino a partir de um marco distanciado dos princípios conteudista - diz que outro ponto indispensável para que haja uma aprendizagem significativa é que os alunos se predisponham a aprender significativamente.

A aprendizagem significativa, portanto, ocorre quando a finalidade dos alunos é entender o significado do que estudam, o que os leva a relacionar o novo conteúdo com aprendizagens anteriores, com suas experiências pessoais, o que, por sua vez, os leva a avaliar o que vai sendo realizado e a persistirem até obterem um grau aceitável de compreensão sobre o assunto. A aprendizagem significativa se torna legítima, então, quando há o intuito de compreender o conteúdo a partir do interesse do aluno.

A teoria da aprendizagem significativa é uma teoria cognitivista preocupada com o modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação. A teoria citada procura explicar os mecanismos internos que ocorrem na mente humana com relação ao aprendizado e à estruturação do conhecimento. Para Ausubel (1980) a experiência cognitiva é caracterizada por um processo de integração no qual os conceitos novos se interagem com os já existentes na estrutura cognitiva, integrando o novo material e, ao mesmo tempo, modificando-se.

Para que ocorra a aprendizagem significativa, conceitos relevantes e inclusivos devem estar claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo, funcionando como ponto de ancoragem. O subsunçor (conceber) é uma estrutura específica ao qual uma nova informação pode se integrar ao cérebro humano, que é altamente organizado e detentor de uma hierarquia conceitual que armazena experiências prévias do aprendiz.

Em outras palavras, os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui. Ausubel (1980), define este conhecimento prévio como "*conceito subsunçor*" ou simplesmente "*subsunçor*".

Ausubel também coloca a ocorrência da aprendizagem mecânica, que é aquela que encontra muito pouca ou nenhuma informação prévia na estrutura cognitiva, enfim, não possui muito significado para o aluno. Em geral envolve conceitos com um alto ou total teor de "novidade" para o aprendiz, mas no momento em que é mecanicamente assimilada, passa a se integrar ou criar novas estruturas cognitivas. Muitas vezes um indivíduo pode aprender

algo mecanicamente e só mais tarde percebe que este se relaciona com algum conhecimento anterior já dominado.

Nesta breve explanação sobre o significado de aprendizagem significativa, fica claro que três conceitos estão nela envolvidos – *significado*, *interação* e *conhecimento*. Moreira (2010) explica que:

- O *significado* está nas pessoas, não nas coisas ou eventos. É para as pessoas que sinais, gestos, ícones e, sobretudo, palavras (e outros símbolos) significam algo. Está aí a linguagem, seja ela verbal ou não.

- A *interação* referida antes é entre os novos conhecimentos e aqueles especificamente relevantes já existentes na estrutura cognitiva.

- O *conhecimento*, bem, o conhecimento é linguagem; a chave da compreensão de um conhecimento, de um conteúdo, ou mesmo de uma disciplina, é conhecer sua linguagem.

Desta forma, o aprender se torna significativo quando parti de um conhecimento já intrínseco ao aprendente. E relacionando algo que já se sabe com novas informações o indivíduo consegue construir novos conhecimentos, e assim, avançar no processo de ensino aprendizagem.

2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Em 1988, nos Estados Unidos, foi apresentada uma definição que expressa a essência sobre a dificuldade de aprendizagem:

Dificuldade de Aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se que são devido à disfunção do Sistema Nervoso Central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital (ASSUMPTO JUNIOR, 2003, p, 289).

Mesmo concluindo que as desordens de aprendizagem são de natureza heterogênea e permanecem por toda a vida, com o diagnóstico correto e o tratamento adequado os indivíduos conseguem progredir evoluído em seu desenvolvimento cognitivo, possibilitando o progressivo avanço nos estudos.

Para Correia e Martins (2006), as dificuldades de aprendizagem são desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se, em geral, por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado do aluno e sua realização escolar.

Dessa forma os autores esclarecem que os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem devem receber maior atenção nas atividades escolares como leitura, escrita e cálculo. Entretanto, não necessariamente o aluno terá essa necessidade em todas as atividades.

A causa das dificuldades de aprendizagem perpassa por problemas familiares, alfabetização deficitária, problemas neurológicos, deficiência motora, deficiência visual, hiperatividade, problemas emocionais, motivação, memória, maturação, concentração, entre outros.

Para Bastos, considera-se que uma criança tenha distúrbio de aprendizagem quando:

a) Não apresenta um desempenho compatível com sua idade quando lhe são fornecidas experiências de aprendizagem apropriadas;

b) Apresenta discrepância entre seu desempenho e sua habilidade intelectual em uma ou mais das seguintes áreas; expressão oral e escrita, compreensão de ordens orais, habilidades de leitura e compreensão e cálculo e raciocínio matemático.

A autora considera ainda quatro critérios adicionais para o diagnóstico de distúrbios de aprendizagem:

a) Apresentar problemas de aprendizagem em uma ou mais áreas;

b) Apresentar uma discrepância significativa entre seu potencial e seu desempenho real;

c) Apresentar um desempenho irregular, isto é, a criança tem desempenho satisfatório e insatisfatório alternadamente, no mesmo tipo de tarefa;

d) O problema de aprendizagem não é devido a deficiências visuais, auditivas, nem a carências ambientais ou culturais, nem problemas emocionais.

Percebemos que para diagnosticar se um indivíduo apresenta ou não uma dificuldade na aprendizagem se faz necessário um estudo minucioso a respeito da vida dele. Levando em consideração não apenas os fatores orgânicos, mas fatores externos que interferem diretamente no aproveitamento e desenvolvimento da sua aprendizagem.

3. PRINCIPAIS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

Os distúrbios de aprendizagem mais frequentes nas escolas brasileiras e que chegam aos consultórios psicopedagógicos com mais frequência são: dislexia, disortografia, disgrafia e discalculia.

Dislexia - se trata de um distúrbio de aprendizagem que se manifesta principalmente na leitura, escrita e soletração.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia:

Ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico.

Seu diagnóstico deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, pois permitirá maior precisão a respeito do tratamento a ser desenvolvido com o indivíduo.

Os principais sintomas são: dificuldades em escrever, leitura lenta, troca de fonemas, inversão de letras, dificuldades em realizar rimas, confusão temporal-espaciais, esquemas corporal e lateralidade (palavras e conceitos).

Disortografia - O indivíduo que é disortográfico apresenta dificuldades com a troca de fonemas na escrita, confusão de sílabas, omissões de letras e inversões e dificuldades com as sinalizações gráficas.

Nesses casos, a escrita apresenta grandes números de erro e devido a essa dificuldade, o indivíduo evita a escrita ou quando necessário produz textos reduzidos. A disortografia não compromete o traçado ou a grafia.

Disgrafia- compromete o traçado gráfico, mas não interfere o neurológico e/ou intelectual do sujeito.

A escrita desorganizada, o traço pouco preciso, a lentidão ao escrever e o amontoado de letras, com o objetivo de esconder erros ortográficos, são características marcantes no indivíduo disgráfico.

Discalculia - é a dificuldade ou a incapacidade de realizar atividades aritméticas básicas, tais como quantificação, numeração ou cálculo, sendo causada por disfunção de áreas têmporo-parietais, muito compatível com o exame clínico do TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

Vale lembrar que alguns indivíduos têm menos aptidão para matemática do que outros, e nem por isso pode-se diagnosticá-los como se tivessem discalculia.

A discalculia está quase sempre associada à quadros de dislexia e do TDAH.

4. DIAGNOSTICO PSICOPEDAGÓGICO

O primeiro passo para se trabalhar a dificuldade do aluno é sem dúvida realizar o diagnóstico psicopedagógico. Essa avaliação trata-se de uma investigação do processo de aprendizagem do indivíduo com o objetivo de identificar a origem da dificuldade que o levou a uma primeira consulta ao psicopedagogo.

Para Acampora (2012. p, 69), essa investigação inclui:

Entrevista contratual com os pais ou responsáveis pela criança e/ou pelo adolescente, análise do material escolar, aplicação de diferentes modalidades de atividades e uso de testes para avaliação do desenvolvimento, área de competência e dificuldades apresentadas, *anamnese*, visita à escola (se for o caso) e devolução.

De forma geral, o diagnóstico é dividido em duas partes: a avaliação e a intervenção. Na avaliação ocorrem as entrevistas tanto com o aluno, que apresenta a dificuldade na aprendizagem, como também com os pais e pessoas que tenham uma ligação direta com o paciente no que diz respeito ao processo de ensinar e aprender. Portanto, no diagnóstico psicopedagógico estão envolvidos o indivíduo, a família, a escola e o professor. Com os dados coletados e observações realizadas com aplicação de testes e provas, o psicopedagogo expõe aos pais ou responsáveis suas descobertas, podendo ou não haver indicação para intervenção.

Caso a intervenção venha ser necessária, as partes envolvidas devem estar ciente que o tempo de tratamento é indeterminado, pois dependerá da evolução do indivíduo em tratamento. Inicia-se as estratégias, técnicas e uso de materiais que irão permitir ao sujeito a superar sua dificuldade em aprender.

5. TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICAS

Na intervenção psicopedagógica o profissional seleciona as técnicas mais adequadas para cada caso visando a evolução do educando.

Técnicas Psicopedagógicas

➤ **O Psicodrama** - foi criado pelo psiquiatra Jacob Levi Moreno. Como ele mesmo denominou o psicodrama é o teatro espontâneo, que consiste na representação de uma peça teatral sem texto prévio, onde a representação surge a partir de um tema. Trata-se do faz de

conta que pode vir a revelar sentimentos ocultos, além de ajudar a entender e superar as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo.

Segundo Morais e Ficsher:

No caso do psicodrama o compromisso maior não é a aprendizagem. O compromisso maior é, por meio do esquema dramático e com o drama que a cliente introduz livremente, favorecer o autoconhecimento, a recuperação da auto-estima e a estruturação da autonomia.

➤ **A Caixa de Areia** - É um método psicoterapêutico criado em 1954 por Dora Kalff que pode ser usada como ferramenta de diagnóstico.

Com a aplicação da técnica em estudo o aprendiz cria cenas tridimensionais em uma caixa de tamanho apropriado que permite o uso de areia, água e miniaturas de seres e objetos do contexto sociocultural do cliente. Com a conclusão do cenário o profissional realiza as intervenções necessárias fim de desenvolver o cognitivo e afetivo.

➤ **Técnicas Expressivas Plásticas** - A livre criação como uso de materiais específicos como lápis coloridos, telas, aquarelas, argila, jornais, tintas e outros, permite ao psicopedagogo diagnosticar e tratar o cliente em sua totalidade seja com conteúdos objetivos ou subjetivos. O uso da arte-terapia facilita a ligação do mundo imaginário com o mundo real, e por meio das representações o profissional direciona seu estudo e plano de intervenção necessário para o desenvolvimento do aprendente.

CONCLUSÃO

Os psicopedagogos são preparados para a prevenção, diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem. O seu trabalho objetiva analisar as peculiaridades da aprendizagem de cada indivíduo, buscando compreender o que interfere e determina a condição de aprendizagem em sua totalidade

Sabemos que problemas de aprendizagem existem e sempre irão subsistir, contudo, contamos com um novo olhar, clínico e mais amplo voltado para atender as necessidades de indivíduos que necessitam de algum tipo de acompanhamento para evoluírem no aprendizado.

Um olhar de um profissional que investiga as causas do déficit na aprendizagem, não se detendo a afirmativas que buscam causas apenas no aluno. Compreende que os déficits podem também ser resultantes de problemas na instituição escolar, no meio familiar e na sociedade. Assim o psicopedagogo sempre deve ter este compromisso social em pesquisar

todas as variáveis que interferem na aprendizagem e no desenvolvimento do sujeito, incluindo o seu histórico, meio social e cultura que o rodeia.

Estando o profissional com o diagnóstico do indivíduo com dificuldades de aprendizagem compete ao mesmo construir um plano de intervenção para que o sujeito em atendimento possa superar de forma prazerosa os desafios do aprender.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Dislexia. 2016. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 07/10/15

BASTOS, Ana Carmem Mausquer. **Principais Distúrbios de Aprendizagem**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/anabastopsicopedagoga/Home/dificuldades-de-aprendizagem>>. Acesso em: 29/09/2015

FERNÁNDEZ, A. **O Saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREINET, C. **Uma escola ativa e cooperativa**. São Paulo. 2002. Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br>>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MORAIS, Katia Regina Bressanini; FICSHER, Julianne. **Biogenética e Psicodrama em Psicopedagogia**. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-15.pdf>>. Acesso em: 14/12/2015

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central ao desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REVISTA NOVA ESCOLA. – Set/ 2000.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 2. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994.